

Uma Arquitetura para o Homem*

Uma arquitetura para o homem é um título muito geral para que se possa tomá-lo no seu sentido completo, uma arquitetura para o homem, não apenas no sentido de encantamento estético, como aquele que ficou possuído Goethe ao olhar, pela primeira vez, a Catedral de Estrasburgo; ao olhá-la, e não só isso, também ao vê-la e ao percebê-la; uma arquitetura para o homem, não somente para a sua satisfação estética ou lírica, ou poética, mas também para a satisfação de uma contemplação utilitária do seu horizonte cotidiano, que, contrariando Husserl, devia ser menos intencional, menos imposta pelas contingências alheias à sua vontade, menos restrita à sua atividade, como pessoa humana.

São assuntos principais, neste depoimento, as noções de espaço adequado ao homem que mora, que habita, isto é, que ao alvorecer da consciência do seu destino, sentiu a necessidade de se habituar, e para isso, compreendeu que era preciso habitar, possuir uma habitação; mas, além desse espaço para habitar e habituar-se, surgiu, com o desenvolvimento da civilização uma outra necessidade, aquela que limita a vizinhança entre os espaços habitáveis, e que estabelece, entre os seres humanos, as condições mais cômodas ou menos impróprias às regras de um bom viver.

No início dos grupos sociais, a coexistência desses espaços habitáveis numa cômoda vizinhança começou com a invenção da porta, nas primitivas cavernas, que é o fecho, o isolamento último, indispensável para evitar toda agressão exterior; que é o limite, a reparação definitiva da proximidade indesejável. Dispondo assim de um instrumento que podia fazê-lo viver sem perigo, no interior do seu abrigo, o homem pré-histórico, de retirado e isolado que era, se sentiu dominado pelo desejo de se comunicar, de possuir uma vizinhança, uma proximidade que lhe fosse agora certa e agradável; ele que era o mesmo tinha aspiração pela presença do outro.

Daí o abandono das cavernas e a instalação dos aldeamentos agora com materiais fabricados pela mais ingênua das indústrias (disse aldeamento, não ainda aldeia).

No aldeamento os espaços habitáveis são distribuídos à feição de células isoladas, lembrando as formas geométricas da geometria têxtil criada por Blascke e sua escola; com as suas casas convenientemente distanciadas uma das outras, esse agrupamento celular de habitações trouxe o primeiro conceito de vizinhança entre os homens. Aqui, porém, aparece a primeira crise na disposição habitacional do aldeamento: a criação da rua – a disposição das células habitacionais, que até então eram distribuídas, desligadas uma das outras, agora se organizam em duas fachadas paralelas; com a rua, o aldeamento se transformou em aldeia.

Desde a invenção da porta, com a qual conseguiu dormir em paz, com que conseguiu a tranquilidade para habituar-se – hábito – prática que se converteu em artesanato e ofício e profissão, o homem começou a sentir uma nova categoria para o seu espírito nascente: o sonho. O homem começou a sonhar, e desses primeiros sonhos nasceu a ordenação do espaço interior em que morava, realizando aquilo que, em nossos dias, se chama arte da decoração dos ambientes, e, com ela, por conseqüência, também a arte no seu sentido geral: estético ou utilitário.

Para a invenção da rua contribuiu a crescente comunicação com aldeamentos ou casas de fazenda a grandes distâncias, e, para torná-la mais rápida e segura os homens utilizaram os animais, os carros, as carroças e, por fim, as máquinas; foram assim conduzidos a criar um domínio próprio para uso desses diversos tipos de transporte; os homens, nos dias de hoje, continuam a expandir o seu sonho, que se projeta com muita rapidez, criando vários tipos de

vizinhanças e, ao mesmo tempo, problemas insolúveis para a satisfação e alegria de morar e viver.

Todo este preâmbulo, necessário para explicar a contingência em que hoje se encontra o homem, que veio da caverna até o arranha-céu, teve por fim mostrar o espaço das vizinhanças entre os homens, espaço que é constituído, sumariamente, desde os extensos afastamentos das habitações rurais, passando pelas aldeias, às pequenas cidades e, enfim, às grandes metrópoles. No momento em que se cogita com grande empenho de resolver o problema das favelas, conjunto habitacional onde reina a mais complexa das vizinhanças, será interessante aludir ao número da revista *L'architecture d'aujourd'hui*, dedicado às habitações, e publicado em 1968. Nesse número da revista, o problema dos espaços habitáveis, e da vizinhança desses espaços é largamente debatido. Num dos artigos nela contido, os arquitetos Emery e Grezel estudam os agrupamentos de diferentes formas e as suas respectivas vizinhanças, desde o aldeamento até as formas mais condizentes com a vida humana – grupos constituídos de apenas dois ou três tipos de habitação, mas associados, não simplesmente em linhas paralelas, e sim contornando, em linhas sinuosas, domínios ajardinados para uso comum. Sente-se a importância do estudo dessas várias formas de grupos de habitações para escolher, entre eles, aquele mais condizente com os moradores a que são destinados, apropriando-os às condições vitais dos seus futuros habitantes. É preciso ressaltar que o programa adotado para as habitações, embora, às vezes, limitado ao emprego de dois ou três tipos de casas, deve ser ditado pela escolha dos inquilinos ou proprietários e nunca apresentado como uma forma dada a priori, constituindo quase sempre um conjunto melancolicamente uniforme.

Ainda aludindo ao interesse em resolver o problema das favelas e outros casos congêneres surgiu a lembrança de urbanizá-las; nesse sentido, o número da revista já aludida apresenta o artigo do arquiteto Imbert que diz num dos itens da sua exposição: *É, com efeito, na perspectiva global de uma arte de viver que convém discernir a natureza exata e a significação profunda das necessidades que se exprimem no ato de habitar*. No caso das favelas e habitações congêneres, uma das primeiras coisas a examinar para urbanizá-las seria bem compreender a arte de viver dos seus habitantes. Prosseguindo na análise sumária da vizinhança nos espaços habitáveis é interessante comunicar aqui a classificação dos tipos de agrupamento habitacionais com os seus elementos indispensáveis às comunicações entre vizinhos, da autoria dos arquitetos Parat e Arguillere; depois de aludir à casa-sonho e à casa-objeto, em que se refere ao sonho, mas também ao pesadelo, presentes na arquitetura para o homem, eles esboçam uma classificação dos agrupamentos de células habitacionais:

1º) AGRUPAMENTO LINEAR – que os autores ilustram com vários exemplos – onde é permitido o agrupamento das casas em ruas, praças, pequenas praças, em zonas destinadas a carros e pedestres (sobretudo crianças); os jardins privados são reduzidos em proveito de um espaço maior destinado ao uso comum. Entre as fotografias que acompanham o agrupamento linear, há uma disposição de casas pré-moldadas que lembram muito a casa que o arquiteto Paulo Magalhães recentemente projetou. O arquiteto Geraldo Santana utiliza também um agrupamento deste tipo no projeto com que concorreu ao Mestrado em Arquitetura, em Brasília.

2º) AGRUPAMENTO *TISSULAIRE* – ('Tecedolar', em urdidura), em que os conjuntos de habitações podem ser organizados em verdadeiros tapetes, separando os espaços de uso comum, dos de função particular. Esta associação com o tapete e o tecido faz lembrar, com muita nitidez, a geometria têxtil, a célebre geometria de Blascke já aludida, e que se torna, no caso em apreço, uma fonte de inumeráveis possibilidades; neste tipo de agrupamento o problema da vizinhança é dos mais fáceis de resolver.

3º) AGRUPAMENTO VOLUMÉTRICO – Neste caso utiliza-se não somente os terrenos em planta, como também é possível se sobrepor duas ou mais células sem que o agrupamento perca o seu caráter individual; evidentemente, nesse caso, o problema da vizinhança pode ou não pode ser resolvido a contento, pois a solução volumétrica específica, enfaticamente, a individualidade do espaço habitável.

Desse conjunto de grupos habitacionais os mais interessantes são o conjunto residencial em Saint-Michel sur Orge, projetado pelo arquiteto Jean Ginsberg e o conjunto de quatrocentos apartamentos do arquiteto R. Simonnet, em Cesson, na região parisiense.

Em todos esses agrupamentos se nota bem a intuitiva influência das figuras formando uma trama triangular, estudadas na Geometria de Blascke; se analisarmos um outro trabalho da mesma revista, o do arquiteto Paul Bossard, que desenha em linhas puras toda essa trama geométrica aplicada às formas habitacionais, e se a execução destas formas ficam (sic) exatamente contidas na trama teoricamente estabelecida podemos falar de uma arquitetura grupal não apenas Têxtil mas também Topológica como lembra o japonês Ihinohara, pois o conjunto habitacional bem ajustado dentro das tramas de Bossard delas mantém a continuidade.

Além das pesquisas objetivas e teóricas de que se ocupa o número 136 de *L'Architecture d'Aujourd'hui* estão presentes em suas páginas tipos de agrupamentos congêneres, na Alemanha, Suécia, Japão, etc.

Chegou a vez (sic) de usarmos no Brasil, ficando aos cuidados do IAB a orientação a tomar para a solução estética e utilitária da arquitetura para o homem.

Até aqui procurei me fazer entender sobre a necessidade de se fixar para cada tipo de agrupamento de casas uma lei de vizinhança; uma lei deve ser pesquisada, portanto, consultando o meio ambiente, o nível cultural dos habitantes, como também as suas possibilidades financeiras.

Até aqui cogitei de agrupamentos de domicílios para um determinado nível econômico caracterizado pelos recursos salariais mais comuns nas sociedades humanas.

Poderia, entretanto, também examiná-la no caso das mansões, dos solares, dos palacetes e palácios; neste caso teríamos talvez a condição mais adequada à arquitetura para o homem, pois, aqui, dispondo de grandes espaços habitáveis, jardins, árvores – até florestas – os habitantes teriam dentro dos seus próprios domínios todos os meios para dirigir a sua vizinhança conforme o critério que lhes conviesse. Não é, porém esse um caso comum, e muitos poucos podem gozar da vantagem de escolhê-lo.

O gênero de vizinhança, porém, mais importante a estudar e determinar, dada a grande proliferação que atualmente se constata nas cidades novas, e o que se observa nos edifícios de apartamentos, onde, com a extrema proximidade – dos habitantes desses edifícios – não sentem eles propriamente uma vizinhança; pelo contrário, sentem uma certa força de repulsão entre eles; a demasiada proximidade evita a atração, evita o contato entre as famílias, estabelece um verdadeiro isolamento, em vez de uma sociedade como à primeira vista se poderia esperar. Há alguns casos, porém, em que, de certo modo, o problema da vizinhança acima aludida foi parcialmente resolvido: por exemplo, aqui na Guanabara, a disposição dos edifícios de apartamento instalados no Parque Guinle, onde uma boa distribuição dos edifícios conduziu a um programa de distâncias entre eles bastante razoável; neste caso, ainda a presença do grande jardim do parque que serve ao Palácio das Laranjeiras deu ao conjunto das habitações um amplo domínio de contato entre os habitantes dos referidos apartamentos que, aliás, foram projetados pelos arquitetos Lúcio Costa, Oscar Niemeyer, M.M.M. Roberto, etc. A Morada do Sol e o planejamento de Jacarepaguá, agora em construção, obedecem a um princípio semelhante.

Em suma, a arquitetura para o homem pode ser estudada à luz de vários atributos; procurei aqui examinar o assunto dentro da importância de apenas dois: o espaço habitável e a vizinhança. O primeiro é consequência do homem (o mesmo) e o seu ato de habitar; o segundo é a consequência do contato com (o outro).

Para o projeto de um agrupamento de habitações é mais importante o segundo do que o primeiro, pois é de uma investigação estatística do comportamento mútuo dos habitantes que se deve achar as distâncias compatíveis com as regras do bom viver entre o mesmo e os outros. A arquitetura para o homem fica assim objeto de pesquisas delicadas, onde entram as tendências morais, as limitações da atividade, a natureza, a profissão e os hábitos dos homens que agrupados, possam instituir um conjunto de células vivas, e dentro da ordem moral de uma coletividade.

A arquitetura para o homem fica, portanto, um problema aberto, e do maior interesse para a boa constituição das cidades que sejam realmente para os homens.

**Depoimento de Joaquim Cardozo no Encontro Nacional dos 50 anos da Arquitetura Moderna Brasileira, Rio, novembro de 1971. O texto original, manuscrito a lápis, foi entregue, na ocasião, por Joaquim Cardozo ao arquiteto Geraldo Santana, que o mantém arquivado. O encontro foi organizado pelo Departamento da Guanabara do Instituto de Arquitetos do Brasil, em comemoração ao seu cinquentenário de fundação. Realizado no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, reuniu centenas de arquitetos de todo o país, com destaque para os pioneiros do Movimento Moderno.*